

Vamos continuar indiferentes depois de Floyd ter sido sufocado à nossa frente?

Nove longos minutos **filmados e partilhados por milhões** servem de testemunho. Chegará para mudar?

CRISTINA PERES

Os manifestantes partiram janelas e derrubaram as vedações que os impediam de entrar numa esquadra de polícia em Mineápolis, incendiando-a na madrugada de sexta-feira. Os policiais destacados para defender o local recuaram dali, como de outros pontos de confrontos violentos que rebentaram ao longo da semana pelos Estados Unidos, depois de um cidadão negro, culpado de nada, ter sido sufocado por um polícia. Ontem esse polícia, Derek Chauvin, foi detido no âmbito da investigação ao alegado homicídio racista.

Não de qualquer maneira. George Floyd, afro-americano de 46 anos, foi subjugado pelo joelho do guarda, o qual lhe cortou a respiração, mantendo-o passados longuíssimos nove minutos. Pressionando o pescoço de Floyd e de mão no bolso, o polícia tornou-se reconhecível por todos os que defendem a supremacia branca.

Os cabeçalhos noticiosos destes novos protestos evocam Floyd. Outros anteriores, e recentes, evocaram Eric Garner e Michael Brown. A cada episódio de racismo acrescentam-se pormenores chocantes. Os protestos que deles decorrem pedem intolância para a impunidade dos seus autores.

Haverá um limite? Desta vez não há equívocos: o ato do polícia foi filmado, uma pequena multidão ouviu os pedidos de ajuda do homem subjugado. “Não consigo respirar!”, gritou, como gritara Garner em Nova Iorque, há seis anos. O *mayor* de Mineápolis considerou aquilo “inadmissível”, as imagens correram as redes sociais e os noticiários de todo o mundo.

O autor do “alegado” crime, com três colegas, foi despedido. O ator Will Smith declarou num programa de televisão: “O racismo não está a piorar, está a ser filmado.”

Os protestos perto da 3ª esquadra da Polícia de Mineápolis intensificaram-se nas horas que se seguiram à declaração dos procuradores, de que não havia ainda decisão: iam ou não

acusar o polícia que pressionou Floyd com o joelho até à morte?

Cidadãos mais indignados atiraram foguetes às forças de segurança, que ripostaram sobre os manifestantes. A indignação espalhou-se a muitas outras cidades, incluindo Nova Iorque, Denver, Phoenix e Columbus, Ohio, onde grupos de manifestantes tentaram entrar nos edifícios dos governos estatais, reporta “The New York Times”.

Racismo estrutural

Ao contrário de incidentes racistas anteriores, este aconteceu num estado abastado e do norte dos EUA, lembra ao Expresso o investigador António Pinto Ribeiro, e programador cultural do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra: “A ascensão dos negros a lugares de decisão, a sua maior visibilidade e acesso aos *media* nos Estados Unidos

Ao contrário de incidentes racistas anteriores, este aconteceu num estado abastado do norte

não foram acompanhados por uma evolução económica nem por uma verdadeira capacitação das comunidades negras, inversamente ao que aconteceu com as asiáticas, judias e outras.”

Pelo contrário, assistiu-se mesmo a uma perda do seu poder económico. Por isso, Pinto Ribeiro defende que “o racismo estrutural nos Estados Unidos impede que se faça alguma coisa eficaz contra este sistema instituído”.

Do ponto de vista da percepção, “a polícia e os tribunais tomam por garantido que estas pessoas, que além de serem negras são pobres e não representam nem poder de decisão nem autoridade, podem ser abusadas. É como se houvesse uma espécie de evidência de que não têm o mesmo direito de cidadania que os brancos e ricos, autorizados a não respeitá-los”, diz o investigador.

Apesar de não se tratar de um típico estado do Sul onde casos



Uma pose de supremacia branca aceita e apoiada por muitos nos Estados Unidos FOTO D.R.

como este são mais comuns, os números são significativos: a população afro-americana no Minesota constitui 20% do total e mais de 60% das vítimas alvejadas pelas forças da autoridade entre 2009 e 2019 são negras, informa “The New York Times”.

Dantes parecia que “não havia violência racial porque não havia notícias sobre isso”, diz ao Expresso César Schofield Cardoso, fotógrafo, realizador e videasta cabo-verdiano cujo trabalho frequentemente reflete, envolve e promove a capacitação das associações da sociedade civil. A propósito do caso de Floyd e, de caminho, referindo situações de racismo no Brasil ou em Cabo Verde, o artista diz acreditar que “é tempo de estas questões darem o salto do ativismo para o campo da política”. “Há luta de longa data e ganhos institucionais”, porém “é preciso exigir que os Estados e as autoridades incluam estes temas na agenda e que os debatam”. “O poder só reage quando há grandes manifestações”, conclui.

Redes sociais, sim, mas com mediação

Se bastasse reconhecer a gravidade das imagens difundidas nas redes sociais e agir em conformidade, grande parte do caminho já teria sido percorrido. Schofield Cardoso é da opinião de que “a internet e as redes sociais deram voz e espaço público aos cidadãos” e, com isso, “a situação de todas as minorias melhorou”. “Sou um otimista e vejo as coisas a melhorarem. Sou também um defensor das novas tecnologias, porém reconheço que, tal como tudo o que é novo, elas têm de ser reguladas.”

Já o investigador do CES considera as redes sociais um “território paralelo”. Sem uma “mediação que desconstrua o discurso e descodifique o que se passa na realidade, tal como fazem os órgãos de comunicação social”, não há efetivamente “uma prova de que aqueles factos se passaram na realidade e, como tal, não pode pensar-se uma alternativa”, conclui Pinto Ribeiro.

cperes@expresso.imprensa.pt